

## Causas de morte

2018

### Mortes por doenças do aparelho respiratório aumentaram 3,8%

Os acidentes vasculares cerebrais causaram o maior número de óbitos em 2018 (11 235), representando 9,9% da mortalidade, o que reflete uma ligeira melhoria em relação a 2017 (11 270 óbitos, a que correspondia uma percentagem do total de 10,2%). A redução das mortes por AVC nos últimos anos (de 13,9% em 2008 para 9,9% em 2018) tem sido a que maior impacto teve no decréscimo das mortes causadas por doenças do aparelho circulatório.

No mesmo ano contabilizaram-se 7 241 mortes por doença isquémica do coração, menos 1,0% que no ano anterior, que representaram a segunda maior proporção de óbitos (6,4%). Registaram-se também 4 620 mortes por enfarte agudo do miocárdio, ou seja, 4,1% da mortalidade, com um aumento de 1,7% no número de óbitos em relação ao ano anterior (4 542 óbitos). Em comparação com os AVC e o enfarte agudo do miocárdio, a doença isquémica do coração apresenta as taxas brutas de mortalidade mais elevadas nos grupos etários inferiores a 65 anos.

As doenças do aparelho respiratório causaram 13 305 óbitos, com um aumento de 3,8% em relação ao ano anterior, representando 11,7% da mortalidade total ocorrida no país. Neste grupo de doenças, destacaram-se 5 764 mortes provocadas por pneumonia, representando 5,1% da mortalidade ocorrida em 2018 e registando um aumento de 2,5% de óbitos em relação ao ano anterior. A taxa bruta de mortalidade por pneumonia foi de 55,9 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 65 e mais anos.

No conjunto dos tumores malignos, destacaram-se 4 317 mortes provocadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão, que representaram 3,8% do total de mortes no país e um aumento de 1,8% em relação ao ano anterior. Os tumores malignos do cólon, reto e ânus representaram 3,4% da mortalidade em 2018, com 3 820 óbitos (menos 0,8% que no ano anterior).

O Instituto Nacional de Estatística (INE) divulga no Portal os indicadores estatísticos relativos à mortalidade por causas de morte em Portugal em 2018, de acordo com os 55 grupos de causas de morte baseados na lista «OECD Health Data» da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Estes indicadores incluem os principais grupos de causas de morte por doença, destacando-se as doenças do aparelho circulatório, os tumores malignos, as doenças do aparelho respiratório e as doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, bem como as mortes por causas externas de lesão e envenenamento.

Para cada grupo de causas de morte são apresentadas contagens do número de óbitos por sexo, grupo etário e região de residência dos falecidos, bem como alguns indicadores derivados: *Relação de masculinidade ao óbito*; *Idade média ao óbito*; *Taxa bruta de mortalidade*; *Taxa padronizada de mortalidade*; *Número médio de anos potenciais de vida perdidos*, entre outros.

**Principais indicadores de óbitos por causas de morte em 2018**

	Óbitos		Variação anual	Taxa bruta de mortalidade	Idade média ao óbito	N.º médio de anos potenciais de vida perdidos	Relação de masculinidade ao óbito
	N.º	%	%	Por 100 mil hab.	Anos		
<b>Total de óbitos</b>	<b>113 573</b>	<b>100,0</b>	<b>3,1</b>	<b>1 099,3</b>	<b>78,5</b>	<b>13,0</b>	<b>100,7</b>
Doenças do aparelho circulatório, <i>das quais</i>	32 926	29,0	1,7	318,3	81,5	10,3	82,4
Doenças cerebrovasculares	11 235	9,9	-0,3	108,8	82,1	9,2	77,0
Doença isquémica do coração	7 241	6,3	-1,0	69,5	77,7	10,7	133,3
Enfarte agudo do coração	4 620	4,0	1,7	44,2	76,9	10,9	136,2
Tumores malignos, <i>dos quais</i>	27 929	24,6	1,5	270,8	73,4	11,0	147,5
Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão	4 317	3,8	1,8	41,9	71,0	9,2	315,3
Tumor maligno do colon, reto e ânus	3 820	3,4	-0,8	37,0	75,7	10,6	138,4
Doenças do aparelho respiratório, <i>das quais</i>	13 305	11,7	3,8	129,1	83,1	10,7	106,8
Pneumonia	5 764	5,1	2,5	55,9	83,9	11,5	103,0

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Notas explicativas: 1) O número de óbitos, e as respetivas proporção e variação anual, referem-se ao total de mortes ocorridas no país, enquanto os restantes indicadores respeitam apenas a mortes de residentes em Portugal. 2) Em relação à superioridade do número médio de anos potenciais de vida perdidos para o total de causas em relação às principais causas de morte, tal fica a dever-se ao facto deste indicador incidir apenas sobre as mortes antes dos 70 anos, que tendem a ocorrer em menor proporção no caso das causas de morte analisadas.

### As taxas de mortalidade por doenças do aparelho circulatório e por tumores malignos atingiram os valores mais elevados desde 2008

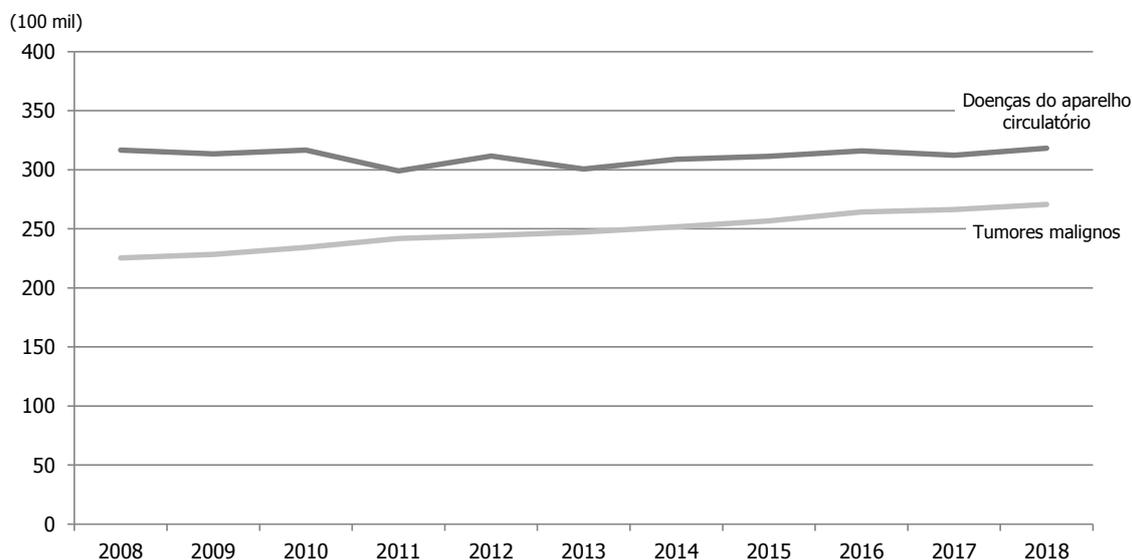
Em 2018, registaram-se no país 113 573 óbitos, mais 3,1% (3 386 óbitos) que em 2017. A idade média ao óbito foi de 78,5 anos, mais elevada que no ano anterior (78,2 anos).

As mortes por doenças do aparelho circulatório e por tumores malignos aumentaram, respetivamente, 1,7% e 1,5% em relação ao ano anterior, continuando a representar mais de metade (53,6%) das mortes ocorridas no país.

Nesse ano, considerando apenas os óbitos de residentes, a taxa de mortalidade por doenças do aparelho circulatório foi de 318,3 por 100 mil habitantes, atingindo o valor mais elevado desde 2008. Apesar deste aumento, o número médio de anos potenciais de vida perdidos devido às doenças do aparelho circulatório (10,3) foi menor que no ano anterior (11,2), para o qual concorreu a diminuição dos óbitos de pessoas com menos de 70 anos por estas causas. A relação de masculinidade em 2018 foi de 82,4 óbitos de homens residentes por cada 100 óbitos de mulheres residentes, mais baixa que a registada no ano anterior (81,6).

A taxa de mortalidade por tumores malignos foi de 270,8 por 100 mil habitantes, mantendo-se a tendência de aumento. O número médio de anos potenciais de vida perdidos devido a tumores malignos (11,0) foi inferior ao registado em 2017 (11,2).

**Figura 1 - Taxas brutas de mortalidade por doenças do aparelho circulatório e por tumores malignos, por 100 mil habitantes, Portugal, 2008-2018**

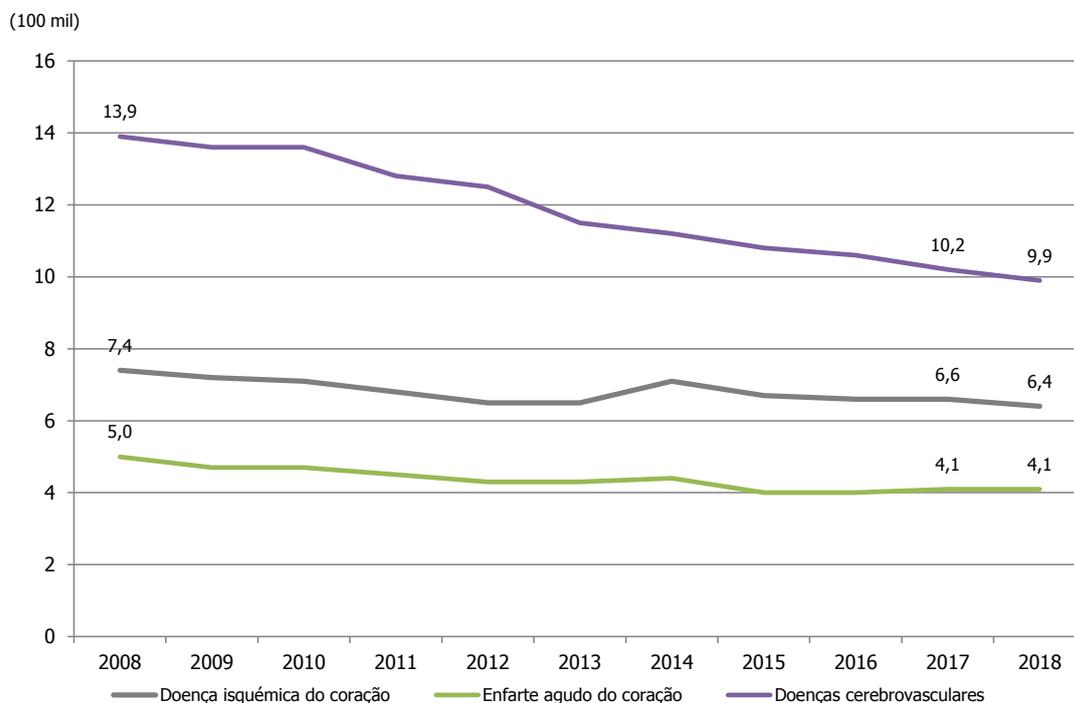


Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

### **AVC: principal causa de morte em Portugal**

Nos últimos anos verificou-se uma diminuição da proporção de mortes causadas por doenças do aparelho circulatório no total de mortes (32,3% em 2008 e 29,0% em 2018), principalmente devido à tendência para a quebra de importância das mortes por doenças cerebrovasculares, também designadas por acidentes vasculares cerebrais (AVC).

**Figura 2 - Proporção de óbitos por doenças cerebrovasculares, doença isquémica do coração e enfarte agudo do miocárdio, no país, 2008-2018**



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Os AVC continuaram contudo a estar na origem do maior número de óbitos em 2018 (11 235), representando 9,9% da mortalidade e uma taxa de 108,8 mortes<sup>1</sup> por 100 mil habitantes. Este resultado reflete uma ligeira melhoria em relação a 2017, em que se tinham registado 11 270 óbitos, correspondendo a 10,2% e uma taxa de 109,1 óbitos por 100 mil habitantes.

Em 2018, as mortes por AVC continuaram a atingir principalmente as mulheres, com uma relação de 77 óbitos de homens por cada 100 óbitos de mulheres. Por outro lado, as mulheres continuaram também a morrer relativamente mais tarde que os homens devido a esta doença: a idade média ao óbito para as mulheres foi de 83,9 anos e para os homens de 79,8 anos.

Do total de óbitos por doenças cerebrovasculares, 93,2% foram de pessoas com 65 e mais anos e 82,3% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 9,2, inferior ao registado no ano anterior (10,0). As correspondentes taxas brutas de mortalidade registam um crescimento considerável em idades mais avançadas: 105,8 por 100 mil habitantes dos 65 aos 74 anos, 463,4 dos 75 aos 84 anos, e 1 853,2 para os 85 e mais anos. Em 2018, perderam-se de 11 388 anos potenciais de vida devido às doenças cerebrovasculares, menos que no anterior (11 578), o que resulta da diminuição do número de óbitos com menos de 70 anos de idade por esta causa.

<sup>1</sup> Mortes de residentes em Portugal.

### A doença isquémica do coração provocou 6,4% do total da mortalidade

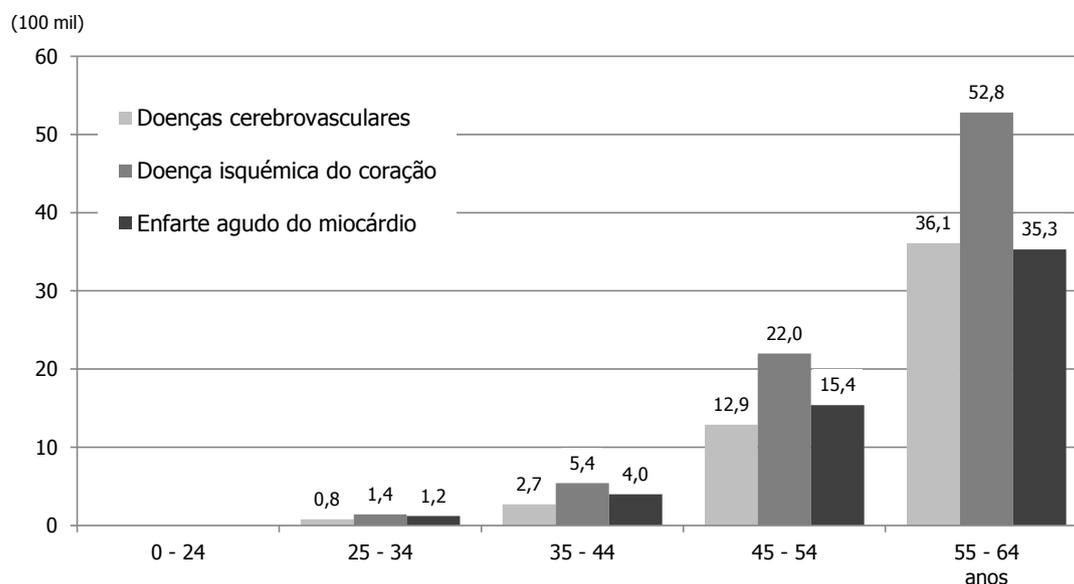
Ainda no conjunto das doenças do aparelho circulatório, registaram-se 7 241 óbitos por doença isquémica do coração, representando 6,4% da mortalidade total de 2018, e uma redução de 1,0% em relação ao ano anterior, em que ocorreram 7 314 mortes devidas a esta causa. A taxa bruta de mortalidade devido à doença isquémica do coração foi de 69,5 óbitos por 100 mil habitantes em 2018, próxima da registada em 2017 (70,0).

As mortes por doença isquémica do coração atingiram principalmente os homens, com uma relação de 133,3 óbitos de homens por 100 de mulheres. A idade média ao óbito para as mulheres foi de 82,3 anos, mantendo-se substancialmente mais tardia (mais 8 anos) em relação ao registado para os homens (74,3 anos).

Do total de óbitos por doença isquémica do coração, 83,5% foram de pessoas com 65 e mais anos e 65,7% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 10,7 anos (inferior ao registado em 2017: 11,3 anos).

Em comparação com outras doenças do aparelho circulatório, nomeadamente as doenças cerebrovasculares e o enfarte agudo do miocárdio, a doença isquémica do coração apresenta taxas brutas de mortalidade mais elevadas nos grupos etários inferiores a 65 anos.

**Figura 3 - Taxas brutas de mortalidade por 100 mil habitantes antes dos 65 anos, por grupo etário: doenças cerebrovasculares, doença isquémica do coração e enfarte agudo do miocárdio, no país, 2018**



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

### As mortes por enfarte agudo do miocárdio aumentaram 1,7%

Em 2018, registaram-se 4 620 mortes por enfarte agudo do miocárdio, representando 4,1% da mortalidade, com um aumento de 1,7% no número de óbitos em relação ao ano anterior (4 542 óbitos).

As mortes por enfarte agudo do miocárdio atingiram principalmente os homens, cuja relação foi de 136,2 óbitos de homens por 100 de mulheres. A idade média ao óbito para as mulheres situou-se nos 81,4 anos, mais 7,8 anos do que a observada para os homens (73,6 anos).

Do total de óbitos por enfarte agudo do miocárdio, 82,1% foram de pessoas com 65 e mais anos e 62,7% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 10,9 anos. A taxa bruta de mortalidade devido a enfarte agudo do miocárdio foi de 44,2 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 45 e mais anos (cf. página 8, Figura 4.D).

### **Mais 1,8% de mortes causadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão**

Os tumores malignos causaram 27 929 óbitos em 2018, representando 24,6% da mortalidade total ocorrida no país e menos 1,5% mortes que no ano anterior (27 503 óbitos em 2017) mas mais 16,2% que em 2008.

Em 2018, a taxa de mortalidade por tumores malignos foi de 270,8 por 100 mil residentes em Portugal, bastante mais elevada no caso dos homens (341,5) que nas mulheres (207,4). Em 2018, contabilizaram-se 109 180 anos potenciais de vida perdidos, menos 4 810 anos que em 2017 o que ficou a associado à redução do número de óbitos com menos de 70 anos de idade.

No conjunto dos tumores malignos, destacaram-se 4 317 mortes provocadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão, que representaram 3,8% do total de mortes no país e um aumento de 1,8% em relação ao ano anterior. Estes tumores continuaram a atingir principalmente os homens, de forma muito expressiva, com taxas brutas de mortalidade muito diferentes entre homens (67,3 mortes por 100 mil homens residentes) e mulheres (19,1 óbitos por 100 mil mulheres residentes), que resultam numa relação de 315,3 óbitos de homens por 100 de mulheres. A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão foi de 41,9 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 45 e mais anos (cf. página 7, Figura 4.E).

Os tumores malignos do cólon, reto e ânus representaram 3,4% da mortalidade em 2018, com 3 820 óbitos (menos 0,8% que no ano anterior). Estes tumores continuaram a atingir principalmente os homens, com uma relação de 75,7 óbitos de homens por 100 de mulheres. A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos do cólon, reto e ânus foi de 37,0 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 55 e mais anos (cf. página 7, Figura 4.F).

### **A pneumonia foi a terceira causa de morte, representando 5,1% das mortes em 2018**

As doenças do aparelho respiratório causaram 13 305 óbitos, com um aumento de 3,8% em relação ao ano anterior (12 819 óbitos), e representando 11,7% da mortalidade total ocorrida no país. A taxa de mortalidade por doenças do aparelho respiratório situou-se em 129,1 óbitos por 100 mil habitantes, mais elevada que em 2017 (124,3), com destaque para as taxas de mortalidade de 141,0 em 2018 e de 133,8 em 2017 no caso dos homens.

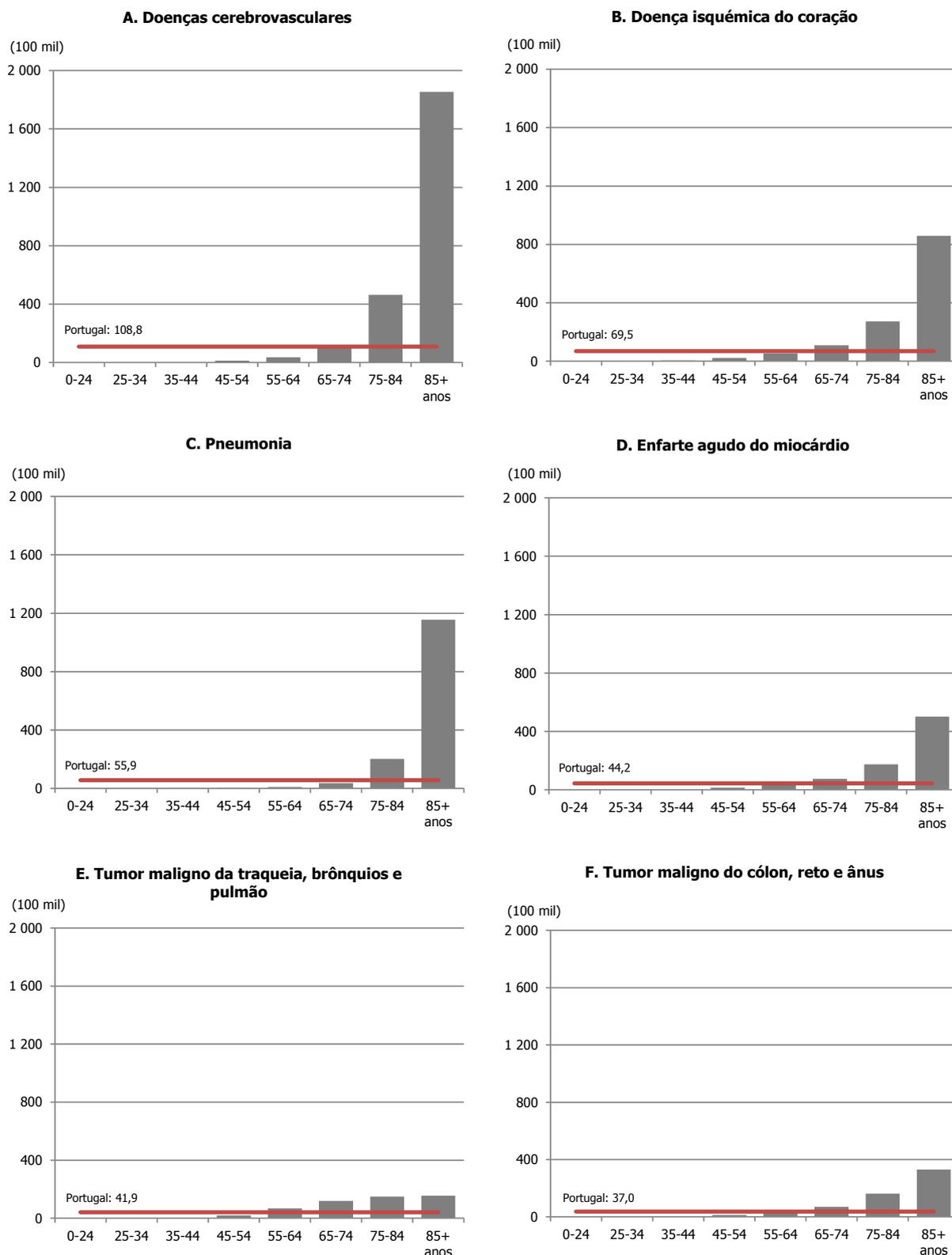
Neste grupo destacam-se as mortes provocadas por pneumonia, com 5 764 óbitos, representando 5,1% da mortalidade ocorrida em 2018 e registando um aumento de 2,5% óbitos em relação ao ano anterior. A taxa bruta de mortalidade por pneumonia foi de 55,9 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 65 e mais anos (cf. página 7, Figura 4.C).

Em 2018, as mortes por pneumonia atingiram principalmente os homens, com uma relação de 103,0 homens por cada 100 mulheres, ao contrário do registado em 2017 em que a relação foi de 93,3 óbitos de homens por 100 de mulheres, para os residentes em Portugal. A idade média ao óbito verificada para 2018 foi de 82,3 anos para as mulheres, inferior em cerca de 3 anos à dos homens (85,6 anos).

No conjunto das doenças respiratórias, são também relevantes as mortes por doença pulmonar obstrutiva crónica, com 2 834 óbitos, que representaram em 2018 2,5% do total da mortalidade e com um aumento de 7,9% face a 2017.

Com menor importância em relação à mortalidade global, salientam-se todavia os aumentos significativos nos totais de mortes por gripe (influenza) (205 óbitos) e por asma (142 óbitos): 79,8% e 10,9%, respetivamente.

**Figura 4 - Taxas brutas de mortalidade por algumas doenças por 100 mil habitantes, por grupo etário, Portugal, 2018**

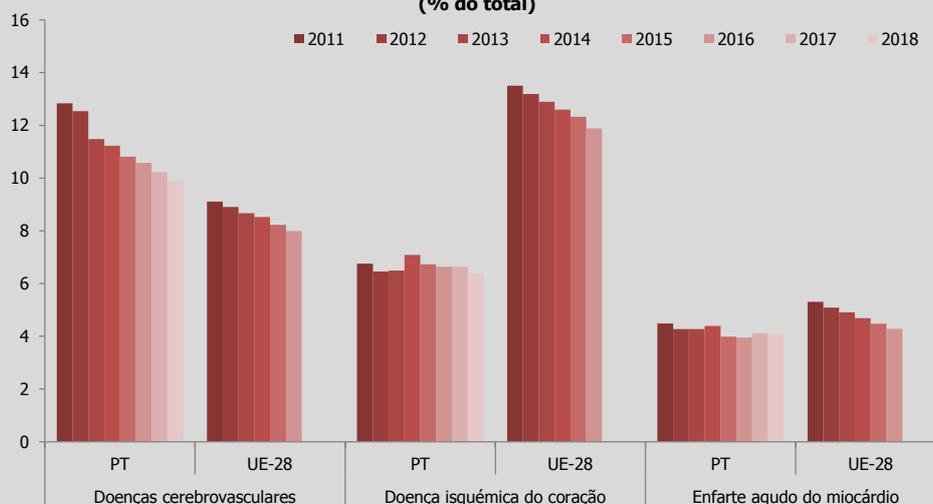


Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

### Comparação com a União Europeia (UE-28)

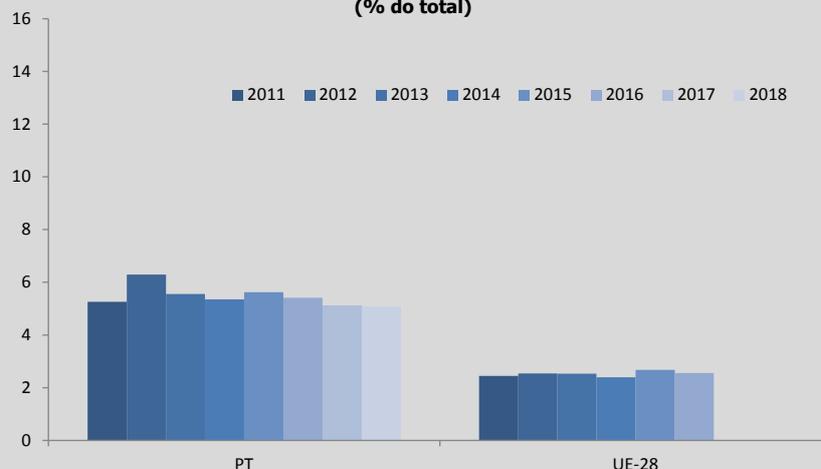
Os dados mais recentes publicados pelo Eurostat, relativos a 2016, indicam que, ao contrário do que ocorre em Portugal, a principal causa de morte no conjunto dos 28 países da UE-28 foi a doença isquémica do coração (11,9% das mortes em 2016). Os AVC, que em Portugal estiveram na origem de 10,6% da mortalidade em 2016 e 9,9% em 2018, registaram na UE-28 uma importância mais baixa (6,6% em 2016).

**Figura 5 - Óbitos por algumas causas de morte, Portugal 2011-2018 e UE-28 2011-2016 (% do total)**



Em Portugal morre-se relativamente mais de doenças do aparelho respiratório que na UE-28, em especial devido a pneumonia, que representou 5,4% da mortalidade em 2016 e 5,1% em 2018. Estas proporções nacionais representam mais do dobro das registadas na UE-28 (2,6% em 2016).

**Figura 6 - Óbitos por pneumonia, Portugal 2011-2018 e UE-28 2011-2016 (% do total)**



A incidência de mortes por tumores malignos em Portugal é bastante próxima da registada na UE-28, embora ligeiramente inferior. Em 2016, a percentagem de óbitos por tumores malignos em Portugal foi de 24,7%, e na UE-28 de 26,0%. Em 2018, aquela percentagem em Portugal foi de 24,6%.

Os principais tipos de tumores malignos causadores de óbitos foram os da traqueia, brônquios e pulmão, que em 2016 representaram 5,4% do total de óbitos na UE-28 e 3,7% em Portugal (3,8% em 2018). Em termos de importância no total de óbitos, seguiram-se os tumores do cólon, reto e ânus, que provocaram 3,1% de óbitos na UE-28 e 3,5% em Portugal (3,4% em 2018).

#### **Nota técnica:**

Os dados de óbitos por causas de morte resultam do aproveitamento de dados administrativos para fins estatísticos. Trata-se de informação sujeita ao registo civil e recolhida junto das Conservatórias do Registo Civil através do Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) e do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO). A Direção Geral da Saúde colabora com o INE procedendo à codificação das causas de morte segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial de Saúde (OMS). Os resultados estatísticos relativos a 2018 foram obtidos com base na informação do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito disponível até 7 de janeiro de 2020.

**Anos potenciais de vida perdidos:** Número de anos que teoricamente uma determinada população deixa de viver, se morrer prematuramente (antes dos 70 anos). Resulta da soma dos produtos do número de óbitos ocorridos em cada grupo etário pela diferença entre o limite superior considerado e o ponto médio do intervalo de classe correspondente a cada grupo etário

**Idade média ao óbito:** Quociente entre a soma do produto de cada ponto médio do escalão etário pelo número de observações, em cada escalão etário, e o número total de observações.

**Número médio de anos potenciais de vida perdidos:** Quociente entre o número de anos potenciais de vida perdidos e o número de óbitos com menos de 70 anos.

**Relação de masculinidade ao óbito:** Quociente entre os óbitos do sexo masculino e os do sexo feminino, por 100 mulheres.

**Taxa bruta de mortalidade:** Número de óbitos observado durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, por uma determinada causa de morte, referido à população média desse período (expressa em número de óbitos por 100 000 habitantes).